

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

NOVOS ELEMENTOS PARA O ESTUDO DA ARTE CASTREJA EM PORTUGAL.

NUNES, João de Castro

Ano: 1958 | Número: 68

Como citar este documento:

NUNES, João de Castro, Novos elementos para o estudo da arte castreja em Portugal.
Revista de Guimarães, 68 (3-4) Jul.-Dez. 1958, p. 323-335.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt

URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Novos elementos para o estudo da arte castreja em Portugal

No cabeço terminal da Lomba do Canho, a pouco mais de dois quilómetros ao norte da vila de Arganil, na margem esquerda do rio Alva, que parcialmente o circunda, existe um castro que ainda está por escavar, mas que, pelo resultado das prospecções que se seguiram à sua descoberta em Agosto 1956 (1), é de prever tratar-se de uma das mais interessantes e notáveis estações arqueológicas do género.

Foi lá que apareceram os fragmentos de bronze que, independentemente de outros similares que é natural venham ainda a encontrar-se em escavações futuras, nos apressamos a dar a conhecer, não só por serem elementos de valor fundamental para a caracterização da arte castreja, como por também constituírem novos marcos de delimitação geográfica, da área de expansão da cultura a que pertencem.

É simples a história do achado. Tirando a Lomba do Canho, com os seus múltiplos afloramentos de quartzites silúricas, não há nas proximidades da vila de Arganil, assente em plena mancha de argilas pliocénicas, outro local de onde facilmente se possa extrair pedra para construção. Por isso é que, dado o ritmo crescente de edificações que nos últimos anos se vem notando no perímetro da vila e demais localidades do seu termo, não é de estranhar que a Lomba do Canho se tenha convertido, de há duas ou três gerações a esta parte, num estadal de pedreiras em contínua e febril actividade, dando como resultado, naturalmente, a sistemática destruição do seu rico solo arqueológico, pois a verdade é que,

(1) Cf. *A Comarca de Arganil* de 15 de Dezembro de 1956.

para poderem pôr a descoberto aquilo que eles chamam o *lezim* da rocha, a primeira e fundamental preocupação dos pedreiros consiste precisamente em remover por completo a camada de terra que a reveste, acumulando-a aos lados a modo de escombrelras, isto quando as referidas escombrelras não são antes produzidas pela busca e extracção, muito mais cómoda, da pedra dos alicerces das antigas construções do castro, como em tais casos se reconhece pela regularidade das respectivas valas subsistentes.

De qualquer modo, foi numa destas escombrelras existente a meio do sector noroeste do castro que, em Outubro de 1957, se encontraram os três primeiros (figs. 1 a 3, ests. I, II e III 1) dos fragmentos em questão, acerca das circunstâncias e razões de cujo achado nos permitimos transcrever, para completa elucidação do caso, a parte que lhes diz respeito do breve relatório, se assim se lhe pode chamar, que em 12 de Janeiro de 1958 enviámos à Junta Nacional da Educação a propósito deste e outros factos enlaçados com a campanha de escavações que, durante os meses de Julho, Agosto e Setembro de 1957, e a expensas do Instituto de Alta Cultura, fizemos incidir sobre o primeiro dólmen localizado nas imediações do castro, aos Moinhos de Vento, campanha em que tivemos por colaborador o Sr. Padre Augusto Nunes Pereira, autor dos desenhos incluídos no presente estudo:

«Após a escavação minuciosa a que submeti o dólmen n.º 1 dos Moinhos de Vento [...], resolvi fazer uma primeira sondagem no alto do castro contíguo à necrópole dolménica. Foi surpreendente o resultado! Num metro quadrado de terreno, em um estrato com cerâmica datável nos primórdios da ocupação romana, foram recolhidos mais de cem projecteis de catapulta (*pila catapultaria*), do género dos representados no desenho adjunto, os quais serão brevemente objecto de monografia especial.

Em face de tão notável achado e não querendo, por outro lado, continuar a prospecção sem prévia elaboração de um plano de conjunto, limitei-me ao diante a limpar uma escombrelra proveniente de antigos trabalhos de exploração da pedra existente

no local. Foi então que apareceram os três objectos de bronze reproduzidos nas fotografias que acompanham esta exposição e que, sem dúvida, constituem um dos mais interessantes documentos da arte castreja em Portugal.

São estes, só por si, a par de muitos outros, indícios bem reveladores da excepcional importância da presente estação arqueológica, que infelizmente está a ser dia a dia destruída pelas extensas e numerosas pedreiras em actividade permanente no local.

Impunha-se, por isso, proceder à sua imediata classificação como bem imóvel de interesse público, a fim de, em consequência de tal medida e enquanto não é demasiado tarde, se virem a tomar as providências necessárias à sua protecção ».

Semanas depois do envio deste sucinto relatório, escrito mais debaixo da impressão do desejo de chamar a atenção para a transcendência dos factos expostos que de ocupar-nos propriamente deles, procurou-nos um dos pedreiros que ali costumam trabalhar para, honradamente, nos fazer entrega de um outro fragmento, no género dos anteriores, aparecido num montão de escombros, a uns 10 m. do sítio do achado inicial, que fora indispensável remover para prosseguimento dos trabalhos que constituem a sua ocupação habitual, ou seja, a exploração da pedra, a que felizmente se está em vias de pôr termo.

Ao todo são, portanto, quatro os fragmentos de bronze de que nos vamos ocupar nesta ligeira nota, começando pela sua descrição.

1.º Conjunto de asa e bordo (fig. 1, est. I), este de paredes rectas e cantos boleados, com 18,5 gr. de peso total e 58 mm. de extensão máxima, no bordo. Apesar de a este lhe faltar uma das paredes laterais, talvez a interior, nem por isso deixa de ser excelente o estado geral de conservação da peça, cuja superfície, como aliás a dos restantes fragmentos, apresenta uma intensa e homogénea pátina verde que lhe confere particular beleza. Que o bordo e a asa devem ter sido separadamente fundidos, infere-se do facto de, não só a rebarba de fundição desta não se continuar pelo dorso daquele, como também de a asa se encontrar sobreposta à decoração

que o bordo ostenta na parte central do dorso, ocultando-a em parte. Tem-se assim a impressão de que na origem o bordo tivera a forma de chapa ou folha plana, dobrada ao depois sobre si mesma antes da sua soldadura com a asa, segundo um processo que desconhecemos, mas em que é de notar o uso de martelo, visível no retoque da juntura. Quanto à decoração, constitui o conjunto uma feliz realização da nossa arte castreja, lograda com motivos muito

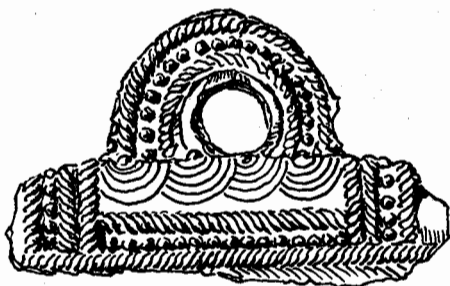


Fig. 1 — Conjunto de asa e bordo, de bronze, do castro da Lomba do Canho (Arganil).

Tam. nat.

simples, em relevo, hábilmente combinados entre si: na asa, de cada lado, uma fiada ultra-semicircular de dezoito meias-pérolas marginadas por duas meias-cordas paralelas de estrias enfrentadas, envolvendo o todo, em leque, o forte ressalto ou rebordo saliente que remata o aro interior; no bordo, um jogo de frisos de meias-pérolas e meias-cordas, ora simples ora agrupadas em espinha, emoldurando um campo liso, rectangular, em que se desenvolve, parcialmente recoberto pela asa sobreposta, um entrelaço contínuo de quatro voltas de círculos concêntricos em torno de outras tantas meias-pérolas. Meias-cordas, meias-pérolas e círculos concêntricos em *trêsse*, a isto se reduz por conseguinte a temática ornamental deste primeiro fragmento que, não obstante a singeleza dos motivos, dá uma estranha sensação de riqueza

e variedade, ao que por certo não é de todo alheio o forte e impressivo vigor dado aos relevos, modelados com muita limpidez.

2.º Conjunto de asa e bordo (fig. 2, est. II), este de secção semi-circular e bastante mais espesso que o da asa anterior, com 92 gr. de peso e 101 mm. de dimensão, dada pela extensão máxima do bordo, o qual, contrariamente ao do primeiro fragmento, esborcelado a toda a volta, à excepção talvez de uma das extremidades laterais, conserva intacta, além de tais



Fig. 2 — Conjunto de asa e bordo, de bronze, do castro da Lomba do Canho (Arganil).

1/2 do tam. nat.

extremidades, uma das bordas paralelas ao plano da asa, como bem se pode apreciar na fotografia que lhe corresponde. Quer isto dizer que o presente bordo, que possui uma ligeira curvatura, dando à primeira vista impressão de se tratar de bordo de *sítula* ou caldeiro, se encontra fragmentado apenas por um lado, ou seja, o exterior. Pelo que à asa pròpriamente diz respeito, não há dúvida de que ela constitui um admirável espécimen do género, sendo de notar, além da face interna a bolear-se com mestria a partir do filete ou aro saliente que lhe define o campo, a graciosa crista angular, de duplo bisel, finamente rematada pela junção em espinha das meias-cordas periféricas, o todo apresentando secção de tendência romboidal. Tècnicamente, caberia dizer deste conjunto o mesmo que do anterior. Já o mesmo não diríamos quanto à decoração, cujos temas, sendo afinal idênticos, estão longe de nos

dar, no seu arranjo, à excepção da asa, muito bem lograda, aquela sensação de vigor e clareza, de frescura e limpidez, tão castreja, que nos transmite aqueloutro fragmento. Contrasta realmente com a nitidez de execução da asa, a empastada e confusa organização temática do bordo, consistente numa sucessão ininterrupta de meias-cordas simples e fiadas de meias-pérolas alternando com frisos de círculos concêntricos em trança ou entrelaço, com uma meia-pérola ao cento de cada volta, movendo-se o conjunto entre duas faixas transversais de seis meias-cordas cada uma, dispostas em espinha, ou seja, com as estrias formando ziguezague. Parece isto confirmar a hipótese de que efectivamente a asa não foi fundida com o bordo, mas sim soldada a ele, uma vez dada a este a forma que tem presentemente, incluída a própria curvatura, a qual, por não ser acompanhada pela asa, absolutamente recta, há-de pois considerar-se de origem, isto é, anterior à soldadura de ambas as partes do conjunto. Há no bordo uma profusão que prejudica, em flagrante contraste com a sóbria composição que faz da correspondente asa ou argola um dos mais belos expoentes do sentimento artístico das populações castrejas, uma das suas manifestações mais representativas. Debaixo de tal aspecto, poucas peças entre nós haverá que se lhe comparem, nem mesmo recorrendo às formosas jóias áureas em que mais e melhor se recriou o gosto estético e a vontade criadora da gente dos nossos castros. A dupla trança, com a sua meia-pérola ao centro de cada volta, num total de dezanove, espanejando-se em leque ou diadema por entre as duas meias-cordas que a envolvem, é de um efeito artístico surpreendente. O corte em bisel, que permite de perfil observá-la simultaneamente em cada face, é de uma segurança técnica imprevista.

3.º Fragmento de placa (fig. 3, est. III 1), de 2,5 mm. de espessura, contando com os relevos que a cobrem, e de 44 mm. de extensão no sentido longitudinal dos mesmos, sendo o seu peso, no estado em que se encontra, de 14,5 gr. Lisa por uma das faces, conserva ainda parte das margens que formam entre si ângulo recto, encontrando-se a

placa por conseguinte rematada por tais lados. Das referidas margens, enquanto que uma finaliza em aresta viva, a outra, a paralela à linha dos relevos, termina pelo contrário em superfície boleada. Que a placa se encontra rematada pela margem em aresta viva, ou seja, a transversal à linha dos ornatos, vê-se até pela curva contínua dos círculos concêntricos da volta inicial ou terminal do friso entrelaçado, que nela tem, portanto, um dos seus extremos. Salvo a linha quebrada, em ziguezague ou dente de



Fig. 3 — *Fragmento de placa de bronze, do castro da Lomba do Canho (Arganil).*

Tam. nat.

lobo, correndo entre as duas barras paralelas da orla do campo decorado, em sentido longitudinal, é quanto ao mais idêntica à do bordo da peça anterior a temática ornamental que decora o presente fragmento, com a particularidade apenas de este nos oferecer uma pulcritude de realização que aquela, à excepção da asa, não possui. A partir do friso entrelaçado, interpondo-se uma fiada de meias-pérolas, deveriam os motivos repetir-se em ordem inversa, como o faz supor o seu confronto com o seguinte fragmento, ao parecer da mesma ou idêntica placa.

4.º Fragmento de placa (fig. 4, est. III 2), de 109 mm. de extensão e 30 gr. de peso, variando de espessura de uma a outra extremidade: máxima

de 3 mm. e mínima de 2 mm., incluído, como no caso anterior, o relevo dos ornatos. O pedreiro que o achou, fracturou-lhe com a picareta um dos extremos, o de menos espessura, cujos pedaços foram mais tarde cuidadosamente recolhidos e colados, faltando ainda no entanto um resto de esquinha que, ao partir, se deve ter esboroadado em virtude da forte oxidação que a placa, tal como está, apresenta nos contornos. Salvo ser maior e, portanto, permitir uma vista de conjunto um pouco mais completa da respectiva

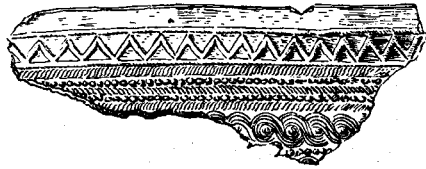


Fig. 4 — *Fragmento de placa de bronze, do castro da Lomba do Canho (Arganil).*

1/2 do tam. nat.

combinação dos temas e do seu efeito artístico, no mais a perfeita identidade que este último fragmento oferece com o precedente dispensa-nos de nova descrição, pelo que resumindo temos: duas asas com o correspondente bordo, de tamanhos desiguais, e dois fragmentos de uma mesma ou idêntica placa.

*

Embora possa e deva considerar-se o mais importante e mais artístico lote de peças, no género, aparecido em castros do noroeste e ocidente da Península, não se trata porém de um achado único, porquanto conhecemos, publicados, alguns outros fragmentos de objectos similares, que reunimos a seguir num primeiro intento de inventariação.

1.º Dois fragmentos de molde de fundição (est. IV 2), de barro refractário, procedentes da

citânia de Santa Tecla, em La Guardia, na Galiza, os quais, com algumas variantes no arranjo dos motivos e apreciáveis diferenças de qualidade na sua execução, correspondem às placas de bronze do lote de Arganil. Reproduzidos por C. de Mergelina *La Citania de Santa Tecla* Valladolid 1944-1945 (separata do vol. XI do *Boletín del Seminario de Estudios de Arte y Arqueología*, da Universidade de Valladolid) est. XLIV-a (1), com a legenda de « Molde de fundición en barro », diz a propósito (pp. 35-36) o ilustre escavador do castro: « En el interior de una de las casas, pudimos hallar curiosos fragmentos cerámicos de um molde o matriz de fundición, conjuntamente con trozos de escorias. El molde (que corresponde a un cuenco de gran diámetro, de paredes no muy altas y solero plano y con su borde perdido), presenta una cuidada decoración formada por dos líneas, acusando fino sogueado en dos bandas separadas por serie de puntos incisos, las que se enmarcan entre líneas incisas rellenas de otras menudas ligeramente oblicuas, de líneas de puntos y de líneas quebradas, todo lo cual encierra el motivo principal antes indicado. El barro refractario, sobre el que esta decoración hubo de formarse, se reforzó exteriormente por pellas alisadas de barro corriente, sin por ello señalarse (a juzgarse por lo que los fragmentos muestran) intento alguno de forma determinada.

Creemos este hallazgo de especial interés, ya que nos revela, no sólo un sentido decorativo especial (que en el mismo orden confirma la ornamentación de la cerámica), sino atisbos de técnicas insospechadas ».

2.º Conjunto de asa e bordo (est. IV 1), com 16,95 gr. de peso e 5 mm. de extensão máxima, existente no Museu da Sociedade Pro Monte, de la Guardia, e encontrado na citânia, em circunstâncias que se desconhecem, anteriormente às escavações

(1) Cf. J. Filgueira Valverde y A. García Alén *Materiales para la carta arqueológica de la provincia de Pontevedra* (El Museo de Pontevedra VIII 1954-1956 pp. 31-210) est. XXVII: «Fragmento cerámico de un molde de fundición».

de C. Mergelina, que diz tratar-se (*monogr. cit.* p. 36, est. XLIV-d) (1) de «un pequeño fragmento de recipiente o vaso en bronce, conservando su asa, cuya decoración responde casi exactamente al molde descrito». Pelo bordo, que não pela asa, aproxima-se bastante do nosso fragmento n.º 1, o que não quiere dizer que não apresente variantes. Efectivamente, além de ser semicircular a secção do bordo, não possui este, sem entrar em mais detalhes, as meias-cordas espinhadas ou em espiga que tão belo efeito produzem na nossa peça, nem tão-pouco a fiada de meias-pérolas interposta entre a meia-corda solta do rectângulo central e a que, na esquadria, lhe delimita o campo pelo lado inferior. Não tem, em suma, nem a sua delicadeza de trabalho, nem a feliz concepção do seu todo ornamental.

3.º Fragmento de placa (est. III 3), similar às de Arganil, aparecido na citânia de Briteiros, Guimarães, e publicado pelo Senhor Coronel Mário Cardozo *Citânia e Sabroso* Guimarães 1948 p. 48 (est. XXVIII 1) (2) como possível aplicação de cinturão.

4.º Fragmento de placa (est. III 4), afim ao material descrito, proveniente da citânia de Troña, na Galiza, e apresentado por L. Pericot García e F. López Cuevillas *Excavaciones en la citania de Troña* Madrid 1931 p. 36 (est. XV-c) como «una lámina, desgraciadamente incompleta y rota, pieza de aplicación, interesante por su decoración en que aparecen finas series de círculos secantes, pudiendo compararse al magnífico brazaletes de Lebução».

Não publicado, conhecemos, por obsequiosa informação do Sr. Dr. M. Fernández Rodríguez, actual director do Museu de Santa Tecla, um outro conjunto de asa e bordo, procedente da célebre citânia, com

(1) Cf. J. Filgueira Valverde y A. García Alén *art. cit.* est. XXVII: «Fragmento de recipiente de bronce que conserva su asa».

(2) Cf. *Idem Algunas observaciones sobre el arte ornamental de los «castros» del noroeste de la Península Ibérica (Crónica del IV Congreso Arqueológico del Sudeste Español — Elche 1948* Cartagena 1949 pp. 345-397) est. II 2.

12,75 gr. de peso e 35 mm. de extensão máxima, o qual, a avaliar pela deficiente fotografia de que dispomos (est. IV 3), nem pela asa nem pelo bordo condiz exactamente com os restantes fragmentos de que por ora hemos notícia.

A relativa frequência com que tais peças, mais ou menos fragmentadas, nos surgem nos castros da Galiza e do norte e centro de Portugal outra coisa não deve querer significar senão que nos achamos em presença de algo muito característico do seu correspondente mundo cultural, a que por conseguinte haverá que atribuir limites geográficos mais amplos (cf. fig. 5) que os de ordinário concedidos (1). É que se trata, com efeito, de um conjunto cerrado de elementos, dentro de um mesmo horizonte arqueo-cronológico, só satisfatoriamente explicável por afinidade de nexa cultural, pois que, admitindo mesmo a ideia de uma pura difusão comercial de tais objectos a partir de um determinado centro produtor que, a julgar pelo molde de fundição ali aparecido, poderia muito bem ser o castro de Santa Tecla, na Galiza, em nada a hipótese invalidaria o argumento. Assim sendo, necessariamente hemos de ver neste punhado de fragmentos de bronze, tão inconfundivelmente decorados, uma excelente comprovação arqueológica daquela «vieja hermandad de las gentes que habitaban las tierras occidentales de la Península asomadas al Atlántico», na feliz suposição de F. López Cuevillas (2), «vieja hermandad [...] percibida por

(1) Cf., por exemplo, M. Cardozo *Alguns problemas da Idade do Ferro no Norte de Portugal (III Congresso Nacional de Arqueologia — Galicia 1953 Zaragoza 1954 pp. 498-506)* p. 499: «...esta Cultura característica e inconfundível, considerada de origem pré-celta, mas claramente celtizada e romanizada, estende-se especialmente por todo o nosso território a norte do Douro; para além Minho, pela Galiza dentro e em parte das Astúrias; para nordeste e oriente pela chamada zona dos «berrões» — Trás-os-Montes, em Portugal, com uma funda penetração por Zamora, Salamanca e Ávila, em terras de Espanha».

(2) *La etnología de la cultura castreña (Zephyrus III 1952 pp. 5-13)* p. 13.

los autores clásicos anteriores a la nueva división provincial de Agripa, que sirven de fuente a Estrabón, y que consideraban como Lusitania todo el territorio comprendido entre el Tajo y los Artabros».

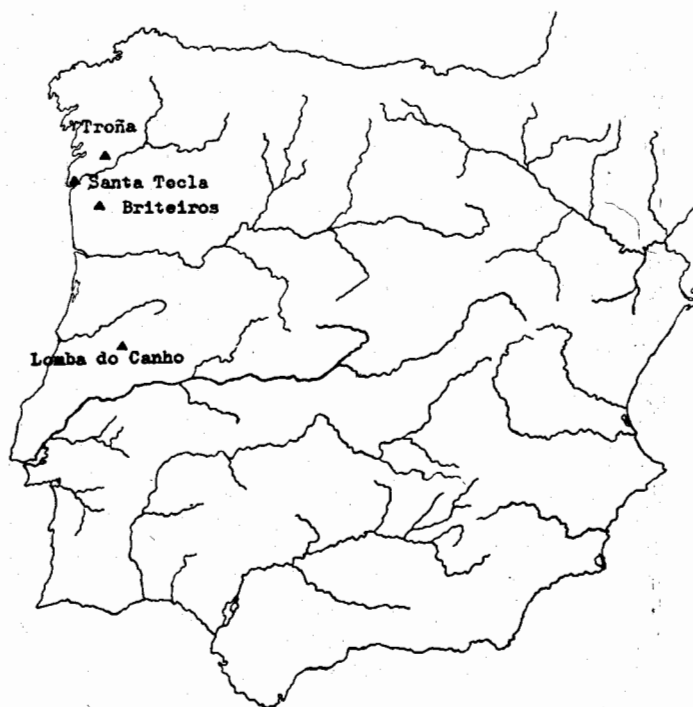


Fig. 5 — *Distribuição geográfica dos achados inventariados neste estudo.*

*

Que, tanto pelos motivos em si, como pelo seu arranjo e organização decorativa, as peças de Troña e Santa Tecla se integram perfeitamente dentro das tendências da arte ornamental dos castros, quer se trate de labores em pedra, quer de adornos em cerâ-

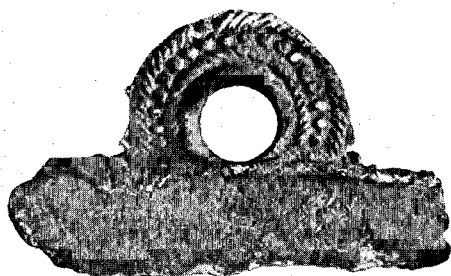
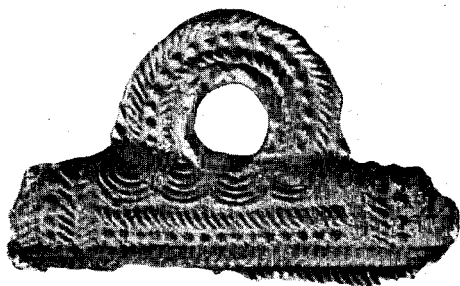
mica ou metal, é, como vimos, opinião literalmente formulada pelos autores das memórias respectivas e, bem assim, pelo Sr. coronel Mário Cardozo a pp. 359-360 da sua notável comunicação ao IV Congresso Arqueológico do Sudeste Espanhol, atrás citada em nota, a propósito do fragmento de Briteiros. Encarados por tal ângulo, os achados de Arganil apenas vêm acentuar essa impressão, reduzindo-a por assim dizer a uma evidência, em que seria prolixo insistir. Quanto ao mais, estamos em que o seu estudo, cujas conclusões nos reservamos para quando apareçam novos fragmentos que nos permitam identificar com segurança o objecto ou objectos de que fariam parte, não deixará de contribuir eficazmente para o esclarecimento de algum que outro aspecto do nebuloso problema das origens.

Salamanca, Março de 1958.

JOAO DE CASTRO NUNES

(Colaboração artística do Rev.º Padre Augusto Nunes Pereira).

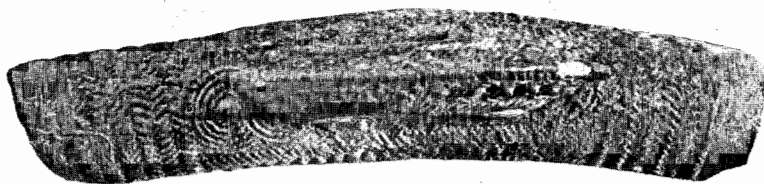
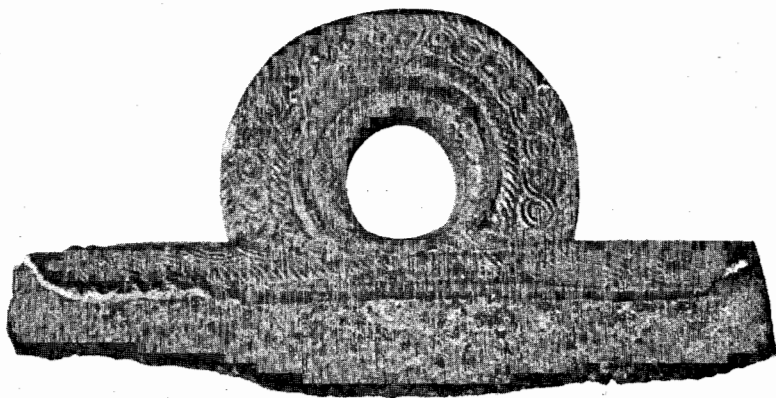
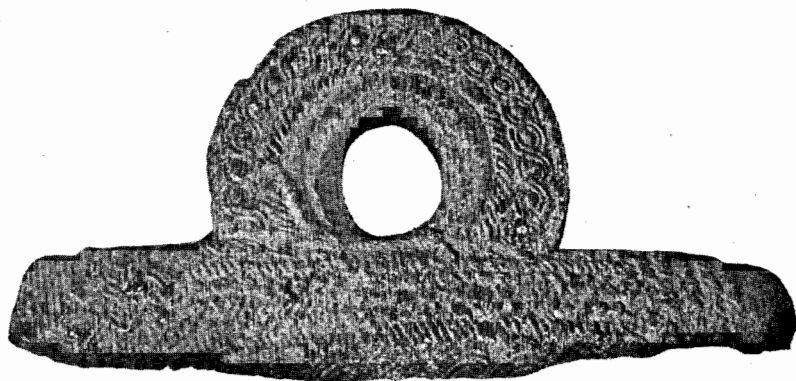
Est. I



Conjunto de asa e bordo, de bronze, do castro da Lomba do Canho (Arganil).

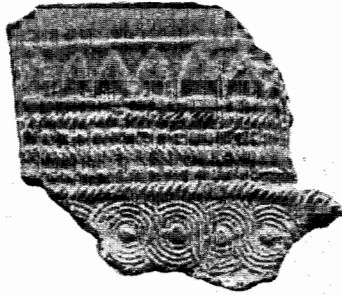
Tam. nat.

Est. II

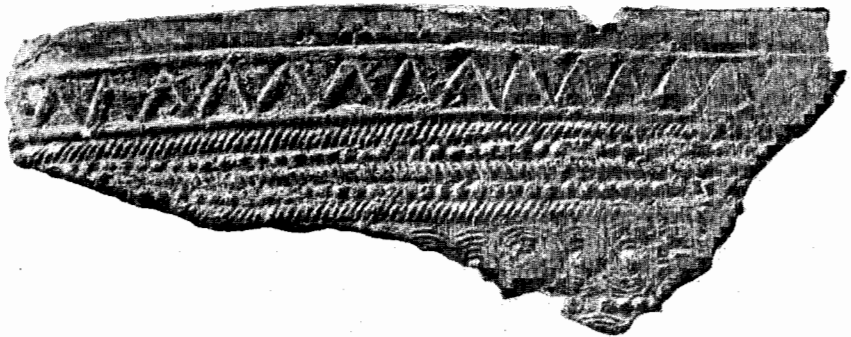


Conjunto de asa e bordo, de bronze, do castro da Lomba do Canho (Arganil), pela parte exterior, interior e superior.

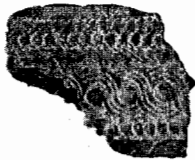
Tam. nat.



1



2



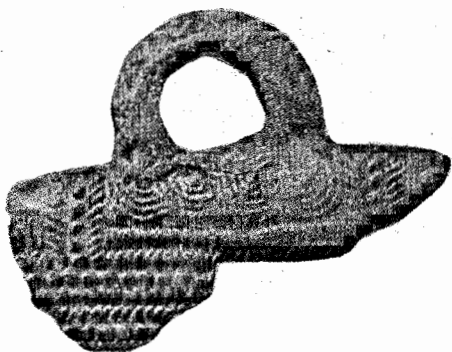
3



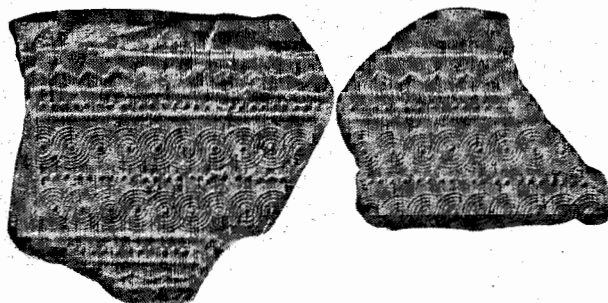
4

- 1 — *Fragmento de placa de bronze, do castro da Lomba do Canho (Arganil). Tam. nat.*
- 2 — *Fragmento de placa de bronze, do castro da Lomba do Canho (Arganil). Tam. nat.*
- 3 — *Fragmento de placa de bronze, da citânia de Briteiros (Guimarães). (Segundo M. Cardozo). Tam. nat.*
- 4 — *Fragmento de placa de bronze, da citânia de Troña (Segundo Pericot e Cuevillas).*

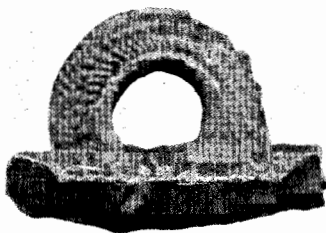
EST. IV



1



2



3

- 1 — Conjunto de asa e bordo, de bronze, da citânia de Santa Tecla (La Guardia). (Segundo Mergelina).
- 2 — Fragmento de molde de fundição, de barro refractário, da citânia de Santa Tecla (La Guardia).
(a 1/2 do tam., segundo Mergelina)
- 3 — Conjunto de asa e bordo, de bronze, da citânia de Santa Tecla (La Guardia). Tam. nat. aprox.